



A NARRATIVA PAI DO MATO OU PÉ DE GARRAFA ENTRE OS BALATIPONÉ: DO FATO REAL À FICÇÃO LITERÁRIA

Marcio Monzilar Corezomá¹
Agnaldo Rodrigues da Silva²

Resumo: Este artigo descreve e analisa a narrativa oral “O pai do mato ou Pé de Garrafa”, presente na memória dos anciões da etnia indígena brasileira Balatiponé-Umutina, pelo viés literário, traçando um percurso sobre a localização geográfica e histórica da etnia. Destacamos a importância desta narrativa para o povo e para a população da região, enquanto imaginário situado na cultura. Utilizamos como objeto de análise quatro narrativas que envolvem a personagem Pai do Mata ou Pé de Garrafa, produzidas em diferentes contextos. Será analisada de que forma uma narrativa oral, criada a partir de um fato real, transforma-se em ficção literária e como as novas gerações da etnia registra e (re) significa essa narrativa. Para realizarmos as análises e reflexões, nos apoiamos, prioritariamente, em autores que tratam dos estudos culturais e decoloniais que, sem dúvida, podem contribuir com o estudo sobre o *corpus*.

Palavras-Chave: Cultura. Literatura. Narrativa Oral. Balatiponé-Umutina.

Abstract: This article describes and analyzes the oral narrative “The father of Forest or Foot in Bootle”, present in the memory of the elders of the Brazilian indigenous ethnic group Balatiponé-Umutina, from a historical, geographic and literary perspective, tracing a path over the geographic location and historical ethnicity. We highlight the importance of this narrative for the ethnic group and the population of the region as an imaginary situated in the culture. We used as an object of analysis four narratives that involve the character father of the forest, produced in different contexts and forms. We debated how an oral narrative created from a real fact turns into literary fiction and how the new generations of the ethnic group record and (re) mean this narrative using tools from the modern world. To carry out the analyzes and reflections, we rely primarily on authors who deal with cultural studies and decolonial studies, which in our understanding contribute to a better interpretation of our object of analysis.

Keywords: Culture. Literature. Oral Narrative. Balatiponé-Umutina.

1. Considerações iniciais

O povo Indígena *Balatiponé*, conhecidos nos documentos oficiais como Umutina, tem seu território localizado no município de Barra do Bugres-MT, com uma extensão de 28 mil hectares. Atualmente, sua população é de aproximadamente 800 pessoas que habitam em 13

¹ Indígena pertencente a etnia Balatiponé-Umutina de Barra do Bugres, Mato Grosso/Brasil. Doutorando em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

² Doutor pela Universidade de São Paulo e Pós-doutor pela UFRGS. Docente da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Escritor, Crítico e Ensaísta.



aldeias, sendo elas: *Umutina* (aldeia Central), *Uapô*, Cachoeirinha, *Masepô*, *Bakalana*, Acorizal, Amoroso, Àguas Correntes, Adônai, Vale do Rio Bugres, São José, *Boropô*, Barreiro e Katamã. Todas elas são reconhecidas e registradas pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) e pelo DSEI (Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena), este último atende a população das aldeias nas demandas referentes à saúde.

Em anos recentes, com a retomada da (re) significação histórica e cultural, a etnia tem buscado a reafirmação de sua identidade que passa, principalmente, pela retomada de sua autodenominação que se expressa pela palavra *Balatiponé*, que significa “gente nova ou nova geração”. No entanto, para os antepassados é usado o termo *Boloriê*.

Na atualidade, a etnia *Balatiponé* insere-se num contexto de contato permanente com a sociedade envolvente, em nível municipal, estadual e nacional. Todas as pessoas das aldeias têm acesso a modernos meios de comunicação, como a internet, por exemplo. No passado, de acordo com documentos históricos, a partir do final do século XVIII, a etnia passou a viver a parte mais triste de sua história, pois teve seu território tradicional ameaçado e invadido pelas frentes de colonização e exploração de Mato Grosso. Desse período em diante, deu-se o início aos conflitos sangrentos entre indígenas e brancos. A população *Balatiponé*, conforme documentos historiográficos, era em torno de mil pessoas nessa época, mas passou a diminuir drasticamente.

Oficialmente, a pacificação dos *Balatiponé* situa-se entre os anos de 1911 e 1912. Com o processo de pacificação concluído e o contato frequente com os funcionários do SPI, houve a transmissão de doenças, principalmente sarampo e coqueluche, que dizimaram 1/3 da população. Antes tão valentes e aguerridos, não tiveram mais forças para manter a língua, os rituais e os costumes tradicionais. Antropólogos, como Darcy Ribeiro, os consideraram extintos.

Foi assim que, por longos anos, o “Ser *Balatiponé*” ficou guardado no silêncio, na memória e nas lembranças dos anciões. A retomada do (re) avivamento da história e da cultura da etnia é um processo recente, feito por anciões, lideranças, professores, jovens e crianças. A educação escolar desempenhou e desempenha um papel fundamental na construção do “Ser *Batipone*” da atualidade. É no espaço da escola ou por iniciativa da comunidade escolar que as conquistas, referentes à (re) significação cultural, foram possíveis. É também no espaço escolar que as narrativas tradicionais são recuperadas, registradas e divulgadas.



2. A narrativa: O Pai da Mato ou Pé de Garrafa

A seguir, faz-se a apresentação das quatro narrativas que compõem o *corpus* deste texto. Para fazer a diferenciação entre elas, vamos enumerá-las.

Narrativa 1: *História do Pai-da-Mata*

Ouvi essa história contada pelo Senhor Julá Paré que já faleceu, contou a nós professores Umutina. Um dia quando era mais jovem convidou o seu amigo para rancar poaia. Esse amigo dele ainda é vivo, Antônio Apodonepá tem 50 anos. Julá Paré morava afastado da aldeia, bem lá na frente, morava sozinho criava porcos e galinhas. Os dois amigos combinaram de sair bem cedo, e Julá esperava o seu parceiro na entrada da mata.

Julá acordou bem cedo, deu comida aos porcos e as galinhas. Esperava que Antonio chegasse e o encontrasse ali na casa. Foi arrumando as coisas necessárias para o trabalho, pegou seu cavalo, colocou a sela, viu que o companheiro não chegava, resolveu partir. Entrou no mato adentro e começou a rancar a poaia. O cavalo ficou amarrado na beira de um córrego. E nada do amigo aparecer. Poaiou, poaiou... até a tarde, aproximadamente, umas três ou quatro horas Vendo que já era tarde, resolveu voltar.

Chegando ao córrego onde seu cavalo estava, sentiu sede e abaixou para beber água, começou a beber. Nesse momento ouviu um grito e uma forte ventania, e o grito continuou cada vez mais fort. No entanto, ele não se preocupou, achou que era seu amigo. Abaixou-se novamente para beber mais água, quando de repente em sua frente apareceu uma figura horrível, vinha em sua direção, pronto para atacá-lo. Mais parecia um grande macaco, às vezes homem com olhos de fogo, dente de onça, garras enormes com quase dois metros de altura. Vindo em sua direção de boca aberta.

Armou sua velha espingarda que sempre negava tiro, dessa vez, não negou e atirou em sua boca. O bicho caiu para trás e deu um grito que estrondou a mata. Pegou o seu cavalo, que já estava desesperado. Cortou a corda que estava amarrada no cavalo e partiu em disparada, saiu do mato alcançou o campo. Para a sua sorte o bicho não saiu do mato. Chegou



no seu barraco, deu comida para os animais e partiu para a aldeia, enquanto isso o bicho vinha gritando através da mata.

Chegou á aldeia avisou o pessoal do ocorrido, já era noite, quando ainda próximo à aldeia ainda era possível ouvir o grito do animal. No outro dia, Julá Paré, juntou-se com alguns índios e voltou lá no seu barraco, tiveram uma surpresa estava todo arrombado, os animais todos espalhados pelos arredores do barraco, o bicho tinha ido lá e foi muita sorte não ter ficado lá. Após este acontecimento, jamais voltou na mata. Julá Paré foi para a cidade de Arenápolis onde passou dezoito anos, aí que voltou para a aldeia novamente. Hoje depois de muita luta conseguimos mudar o nome da escola para: Escola Indígena Julá Paré, fazendo-lhe uma homenagem (MONZILAR, 2005, s/p).

Narrativa 2: História do Pai da Mata – Dramatização

NARRADOR: Certo dia Julá Paré chegou para seu amigo Antônio: JULA PARÉ: Oi Antônio, como vai? Veio convidar você para poiar lá no Guarantã amanhã. ANTÔNIO: Há! Tá bom, vamos sim! Amanhã bem cedo, eu vou, tá bom? Combinado? Me espera! NARRADOR: No outro dia, acordou bem cedo deu comida as suas galinhas, porcos... Julá Paré olhava pela estrada, olhava pro sol e nada do Antônio chegar. Então, Julá cansado de esperar Antônio foi arrumar seus objetos que levava para a mata. Pegou seu borná, seu facão e sua velha espingarda e começou colocar a sela no cavalo. Viu que Antônio não chegou, pegou seu cavalo e resolveu ir poiar sozinho. Chegando na mata, amarrou seu cavalo perto do rio e entrou para poiar. Ele poaiou, poaiou e, mais ou menos 4 horas, Julá resolveu ir embora. Mas de repente ouviu um grito. JULÁ PARÉ: Será que agora que Antônio tá vindo? NARRADOR: Mas Julá continuou andando até chegar no córrego onde seu cavalo estava amarrado. Sentiu sede e abaixou para beber água. De repente, veio uma grande ventania e outro grito, depois outro grito mais perto e novamente mais perto. Julá nem se preocupou, levantou a cabeça olhou e continuou bebendo água, quando de repente na sua frente, um bicho que vinha em sua direção pronto para atacar, ora parecia macaco, olhos de fogo dente de onça, garra enormes, boca aberta pronta para atacar Julá pegou sua espingarda e mirou e atirou contra o bicho, O bicho caiu para trás e deu um estrondo muito forte. Enquanto o bicho estava caindo no chão, pegou seu cavalo, que estava desesperado, cortou a corda e saiu disparado para sua casa. Deu



comida a suas galinhas, para os porcos, montou novamente no seu cavalo e foi embora para aldeia Umutina. Ao chegar na aldeia, ainda escutava os gritos do bicho que vinha gritando pela mata atrás de Julá. Na aldeia, contou para o pessoal o que tinha acontecido. No outro dia, voltaram para seu barraco e tiveram uma grande surpresa: tudo estava arrombado sua casa, os animais soltos. E assim termina essa linda e triste história que aconteceu com Julá aqui no território Umutina (MONZILAR, 2003, p.54).

Narrativa 3: História do pai do mato

A história que aqui vou contar, ouvi numa aula de campo. Não me lembro da história por completo, mas o que eu lembro vou aqui narrar. O Pé de Garrafa, de acordo com a história, habita nas matas bem altas, defendendo os bichos contra as pessoas e outros predadores. Segundo contam, é muito difícil a gente vê-lo, aqui na aldeia são poucas pessoas que já viram e ouviram o grito dele. Já ouvi relato que ele é igual um homem, porém, alto, peludo e forte, bem escuro e as mãos semelhante a do macaco. No rosto dele, uma barbicha comprida e falhada de cor negra e tem o nariz que parece azul, ao mesmo tempo escuro. Aquina aldeia já teve gente que até já falou com ele. Essa descrição que faço aqui foi essa pessoa que falou como ele é, quando estava poitando dentro na mata, bem longe aqui da aldeia. Ele costuma andar com grupos de caititu, ou porco do mato, sempre na frente dos animais, onde utiliza o maior animal para guiá-lo e os demais animais. Está sempre na floresta defendendo, tanto animal quanto também as matas; não gosta que derrubam as matas, ou que queimam, pois fica muito zangado, segundo contam (MONZILAR, 2003, p.62).

3. Da historiografia à ficção literária

Os grupos humanos, ao longo das épocas, têm produzido suas narrativas, sendo que muitas delas estão voltadas ao ambiente geográfico, político e sociocultural em que habitam. Portanto, narrar, descrever, criar é inerente à capacidade humana e, conseqüentemente, das sociedades. Nesse sentido, concordamos com o crítico brasileiro Antonio Candido, ao dizer que as criações literárias orais ou escritas são uma necessidade universal e imperiosa e, usufruí-la, é um direito de todas as pessoas de qualquer sociedade, desde a indígena que canta



as suas proezas de caça e ou evoca, dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar, com sabias redes, os sentidos flutuantes de um poema hermético (Candido, 2011, p.18).

Faz-se necessário pontuar também que a humanidade passou por um longo período da “história”, em que apenas as narrativas de sociedades privilegiadas, diga-se de passagem, as europeias, branca e masculina, podiam ser conhecidas e divulgadas. Na arena do debate sobre o “conhecimento”, Frantz Fanon (2008, p.43) nos alerta que, em “nome da inteligência e da filosofia que se proclama a igualdade dos homens, mas é também em seu nome que muitas vezes se decide seu extermínio”. E, em nome da legitimação de um conhecimento tomado como verdadeiro e único, muitos povos foram exterminados, escravizados e colonizados.

Depois de um passado sombrio e graças às lutas de tantos homens e mulheres guerreiras ao redor do mundo, lutando bravamente contra todo tipo de epistemologia genocida e excludente, na atualidade tem-se a possibilidade e o privilégio de vislumbrar melhores horizontes. Nesse novo horizonte, é preciso que todas as nossas vozes e nossos corpos sejam percebidos e respeitados e Fanon (2008, p.25), mais uma vez nos orienta que “é bom que certas coisas sejam ditas”.

Nessa direção, temos a disposição inúmeras correntes de pensamentos, ideias e teorias, em que podemos nos apoiar e, igualmente, proporcionar legitimidade ao que falamos, pensamos e escrevemos, pois, como afirma Fanon, “o homem só é humano na medida em que ele quer se impor ao outro homem, a fim de ser reconhecido e estamos seguros de que não foram doações” (Fanon, 2008, p.180). Isso quer dizer que, somente assim, nos tornamos sujeitos imanes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias, como frisa Bhabha (1988).

Nesse aspecto, é preciso “comparar diante de problemáticas que nos envolvem a todos para nos conhecermos naquilo que temos de próprio e em comum, nos enlaces comparatistas, tendentes a relações de reciprocidade” (Abdala Jr, 2013 p.16). No ponto de vista desse crítico, uma das formas de enfrentamento às imposições e dominações na área dos estudos literários seria a união entre as comunidades de países falantes de uma mesma língua. Portanto, é imprescindível ao desenvolvermos pesquisas e interpretações de objetos como o nosso, levantarmos as seguintes questões:



De que maneiras as questões levantadas pela literatura comparada podem contribuir para que a Universidade amplie seu papel como pólo de construção de um mundo melhor em termos de uma educação que fomente princípios de cidadania e de direitos humanos, contribuindo para a participação nas lutas pela erradicação das exclusões, dos preconceitos e discriminações contra culturas, segmentos sociais e territórios geográficos relegados à subalternidade ou à condição de 'outros'? (ALÓS; SCHIMIDT, 2009, p. 129).

Diante de tantas provocações é necessário dizer que, na atualidade, felizmente podemos contar com uma gama de autores e teorias, na qual podemos nos embasar, a fim de debater sobre nossos objetos de estudos. Para citar alguns exemplos, basta lembrarmos dos Estudos Culturais, Estudos Subalternos, Estudos Decoloniais, entre outros. São correntes de pensamento que refletem o contexto do mundo atual e suas exigências e necessidades interpretativas. Portanto, essas teorias proporcionam voz e presença para as minorias e aos sujeitos das fronteiras e margens.

Nesse ponto de vista, é importante salientar que o pensamento indígena, em muito, se aproxima das reflexões desses autores e teorias. No Brasil, na atualidade, temos um conjunto de escritores e artistas que têm buscado trazer à sociedade brasileira, bem como ao mundo contemporâneo, as suas criações literárias. Dentro desse panorama, citemos Graúna:

Gerando a sua própria teoria, a literatura escrita dos povos indígenas no Brasil pede que se leiam as várias faces de sua transversalidade, à começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com as histórias de outras nações excluídas (as nações africanas por exemplo) (GRAÚNA, 2013, p.19).

O escritor indígena Daniel Munduruku (2010) aponta que, os escritos autorais indígenas aparecem apenas na década de 1990, de forma tímida, e vão ganhando força, à medida que a sociedade brasileira se abre para receber a memória escrita de nossa gente. Nesse sentido, há estudos que comprovam que a literatura escrita como conhecemos é herança da comunicação oral dos diferentes povos. Para mencionarmos apenas alguns exemplos, temos a escrita das grandes epopeias que contam sobre a cultura e as conquistas dos povos. Há coleções de mitos, lendas e fábulas das mais diversas sociedades, mostrando o conhecimento e a visão dos povos sobre o mundo e o sobrenatural.



Nesse processo constante de mudanças, foram surgindo os diferentes gêneros textuais, de acordo com as suas finalidades. Com o surgimento dos meios de escrita, foi possível registrar o modo de vida das populações e suas narrativas científicas e ficcionais. Deste modo, no presente artigo, discute-se como uma narrativa, descrevendo um fato real dentro de uma comunidade, foi tornando, pouco a pouco, criação ficcional e, em seguida, um produto literário.

A figura do Pai do Mato ou Pé de Garrafa sempre foi constante no imaginário da população Mato-Grossense, principalmente nas cidades históricas do Estado. Para os povos indígenas, principalmente aos *Balatiponé*, esse ser é um espírito protetor das florestas. Ele pode fazer o bem e fazer o mal. Assim como outros espíritos protetores dos animais e das matas, ele faz o mal às pessoas quando maltratam a natureza.

Por isso, é comum entre os caçadores da etnia fazerem oferendas aos donos dos animais, quando entram em algum lugar desconhecido, pois, pedindo permissão para entrar, também pedem proteção e fartura na caçada ou pescaria. Ou seja, isso é um ritual que faz parte da espiritualidade, da cosmologia do Ser *Balatiponé*. Krenak (2020), escritor, filósofo, ativista ambiental e, mais recentemente eleito membro da Academia Brasileira de Letras, comenta sobre o conceito de Bem-Viver:

Os nossos parentes Quechua e Aymara têm, ambos, em suas línguas, com pequena diferença de expressão, uma palavra que é Sumak Kawsai. O Sumak Kawsai é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão (KRENAK, 2020, p.06).

De volta ao *corpus* (narrativa 1), é interessante observar que a poaia, ipeca ou ipecacuanha³ é uma pequena planta que se desenvolve em ambientes úmidos de mata densa, fechada ou como dizem “mata virgem”. Foi nesse tipo de floresta que o Pai do Mato atacou

³ IPECACUANHA (*Cephaelis ipecacuanha*) popularmente conhecida com o nome de poaia, é planta de comprovada propriedade medicinal, comum nas regiões de Barra do Bugres e Cáceres. Apresenta-se rasteira de até 30 cm, de folhas oblongas e pequenas flores brancas. De sua raiz, fibrosa, flexível e nodulosa se extrai o alcaloide emetina, empregado em farmácia sob a forma de pó, tinturas e extratos fluídos. Em fins do século XIX e começo do século XX, foi responsável por grande fluxo de exportação para o mercado europeu, trazendo enormes divisas para o estado de Mato Grosso (FERREIRA, 2014, p. 307).



Julá Paré. Atualmente, a construção ou reconstrução dessa narrativa pode acontecer de diferentes formas entre o povo *Balatiponé*. Ela pode acontecer no meio familiar, contada pelos mais velhos às crianças e jovens; pode ser trabalhada na escola como meio pedagógico, utilizado pelos professores para registro da memória dos anciões, ou reforçar os valores da etnia, com relação a sua terra e aos elementos naturais presentes nela. Pode ser ainda objeto de pesquisa, em diferentes áreas do conhecimento. Desse modo, diferentes versões podem ser colhidas e registradas por cada pesquisador.

A narrativa 1, que escolhemos para nossa análise é a do professor Osvaldo Corezomaé Monzilar, que foi colhida e, depois, registrada por esse autor e que está na sua monografia de graduação, defendida no ano de 2006. Esta narrativa é importante, considerando o modo como foi construída. Osvaldo ouviu do próprio *Julá Paré*, depois de passado muitos anos, quando o mesmo retornou para a aldeia Umutina. Nesse sentido, a ação de contar, reviver a história, já é uma criação feita por meio da memória, pois “se eu narrar (escrever) um fato que acaba de acontecer comigo, já me encontro como narrador (escritor), fora do tempo-espaço onde o evento se realizou” (Bakhtin1993, p.360). A ação de recordar um fato vivido, fora do espaço-tempo acontecido, leva o narrador a utilizar-se de diversos recursos, recriando o ambiente. O bom narrador sabe recriar, com detalhes, o acontecido, a depender do ambiente em que se encontra e sua disponibilidade em narrar. Narrar é fazer um convite a quem ouve, para que ele embarque nas suas emoções e lembranças. Para isso, torna-se pertinente usar diversos recursos, como: a modalização da voz, os gestos, a mímica, o ritmo, o som, a imagem poética, entre outros. Uma boa narração depende da disponibilidade do narrador, da sua motivação em rememorar, do ambiente e da confiança que o narrador tem com a plateia ou o ouvinte.

O registro (ou a escrita) da narrativa por parte do ouvinte, no caso o pesquisador, também é uma criação, pois, ele terá que fazê-lo por meio da rememoração do dia, da semana, o ano, a ambientação que o local apresentava, entre outras questões. Nesse ponto, o pesquisador tem a possibilidade de ressaltar a parte que mais lhe agradou, além de suprimir o que não gostou. Tudo é uma possibilidade, tendo em vista que, “a relação entre ouvinte e narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado” (Benjamin, 1985, p.210).

A narrativa tem como personagens *Julá Paré*, senhor Antonio, o Pai do Mato e o cavalo. A marca temporal do início da narrativa assemelha-se a muitas fábulas, contos e



lendas que conhecemos, percebida pela expressão “Um dia quando era jovem...” (Monzilar, 2005, s/p). Portanto, não é um tempo datado, mas identifica-se um tempo longínquo, pois, foi na juventude da personagem. O fio condutor de toda a narrativa é feita por meio de ações: o convite, o não comparecimento do amigo, a ida até a mata, o ataque do pai do mato, a fuga da mata, a passagem pelo sítio, a chegada até a aldeia, a volta com os parentes até o sítio, a partida de sua terra, seu retorno após 18 anos.

Julá Paré torna-se a personagem principal da narrativa 1, pois é ele quem experiência, dentro de uma realidade histórica, o encontro com o temido *Pai da Mata*, personagem presente no imaginário do povo *Balatiponé* e da população da região. No entanto, para poder salvar-se do ataque, têm-se personagens ou elementos secundários, como: a velha espingarda que, no momento, não negou tiro; a faca, com que cortou a corda; e o corajoso cavalo que o salvou daquele apuro. Não fosse o cavalo, sem dúvida, o protagonista não teria saído com vida. Percebe-se que foi uma série de eventos que fez com que, ao final, ele pudesse ser salvo.

Mas como estamos lidando com um elemento sobrenatural, a distância física não impede que O Pai da Mata continue a incomodá-lo. Outro ponto digno de análise é o fato de *Julá Paré*, após o ocorrido, resolver abandonar seus parentes e sua terra. Resolução de muita coragem, pois, naquela época e hoje, não seria fácil tomar tal decisão. Partir para um lugar desconhecido, seria o mesmo que arriscar em novas aventuras, principalmente porque a cidade de Arenópolis, no período, tinha sua base econômica voltada ao garimpo. Seria como enfrentar desafios tão perigosos quanto seu encontro com O Pai da Mata. Nesse sentido, a personagem demonstra espírito corajoso e aventureiro.

Certamente, a história de vida de *Julá Paré* gera ingrediente para uma saga importante e interessante, partindo de seu nascimento e infância, em uma aldeia tradicional *Balatiponé*, com sua cultura e língua sem interferência do mundo exterior. Logo após sua mudança para a aldeia, ele passa a viver sozinho no sítio sua vida de trabalho na mata, com seus animais de criação. Após o ataque do Pai da Mata, na mata da poaia, o personagem passa a persegui-lo, inclusive em seus sonhos. Isso acarretou o abandono de sua terra, para viver entre pessoas e costumes desconhecidos, no garimpo. E, por fim, seu retorno a sua família e sua terra, no momento que todos precisavam dele. Destaca-se o seu esforço, já ancião, para repassar os seus conhecimentos ao povo *Balatiponé*. Em cada etapa da vida de *Julá Paré*, uma luta pela sobrevivência, pela existência. No final da vida, a sua luta maior e mais importante, foi a



missão de devolver a nova geração os conhecimentos guardados em sua memória e, sobretudo, a experiência adquirida com maestria e que, na atualidade, pode ser comprovado pelo Ser e Viver *Balatiponé* da nova geração. Uma vida digna, dos grandes heróis da vida real e da ficção.

Ao final da vida, *Julá Paré* apresentava o desejo de comunicar-se ao máximo, a fim de transmitir suas experiências. Sabia que estava levando consigo ensinamentos importantes para seu povo, pois tudo o que sabia só faria sentido passando adiante. A escola Estadual Indígena *Julá Paré*, no processo de (re) significação cultural do povo, tem proporcionado muitas iniciativas e ações, tais como: aula de língua materna, oficinas de canto, dança e artes *Balatiponé*, roda de histórias com os anciões no espaço escolar e, muitas vezes, na própria residência do ancião. Aulas de campo em antigas aldeias ou locais importantes, dentro do território.

Aos poucos, nesse movimento, foi possível construir um acervo de memórias ligadas aos fatos históricos, sempre apontando para uma construção e reconstrução futura. A (re) construção no presente é feita com o uso de modernas ferramentas de registro, como: celulares, câmaras fotográficas, computadores, entre outros. Registrar os conhecimentos situados na oralidade hoje é uma ação de fundamental importância, tendo em vista que, mais cedo ou mais tarde, os anciões irão embora.

Nesse contexto, muitas ações pedagógicas de registro e recriação das narrativas *Balatiponé* foram e estão sendo desenvolvidas. É interessante destacar que os produtos dessas ações, atualmente, estão servindo como objeto de pesquisa acadêmica dos estudantes e professores na Educação Básica, Graduação e Pós-Graduação.

Todos os anos, no mês de abril, é realizado na Escola Estadual Indígena *Julá Paré*, na aldeia Umutina, a Semana Cultural. O evento está previsto no Calendário Anual da instituição, pois está garantido em seu Projeto Político Pedagógico. É uma semana que tem como objetivo a reflexão sobre a questão indígena no território, no Estado e no país. Trata-se de um momento quando são rememorados as lutas dos antepassados na conquista da terra e dos direitos e deveres previstos na Constituição Federal Brasileira. São levados a debate também os avanços e desafios na atualidade, bem como o trabalho de preservação, registro e divulgação dos conhecimentos tradicionais *Balatiponé*. Na Semana Cultural do ano de 2022,



a professora Edna Monzilar fez um trabalho com a cultura material e imaterial do povo *Balatiponé*, envolvendo as histórias e mitos da etnia, assim como a fabricação de artesanatos.

No desenvolvimento da atividade com as histórias e mitos, ela fez uma contextualização e provocação aos estudantes sobre o conceito que eles possuem sobre o tema, questionou sobre quais histórias e mitos conhecem e se os encaram como fatos verdadeiros ou não. A metodologia usada pela professora foi interessante, pois, ao iniciar as histórias, solicitou aos estudantes uma pesquisa, junto às famílias, sobre as versões conhecidas sobre a narrativa do Pai da Mata. Essa é uma comprovação de que esta narrativa faz parte do repertório cultural do povo e, portanto, faz parte do imaginário daquela população que a mantém pela oralidade. A escola, nesse sentido, tem a função de registrá-la na escrita, em diferentes gêneros textuais. Os gêneros textuais mais utilizados têm sido o relatório, o texto dissertativo ou a escrita criativa, peça teatral ou, ainda, outras modalidades de registro, como o vídeo.

Adentrando na narrativa 2, tem-se um texto cênico, produzido pelos estudantes e pela professora Edna Monzilar. A narrativa é escrita, primeiramente, em prosa e, a seguir, é construído o texto teatral, com as cenas, o diálogo e a ambientação. Ao final, houve a apresentação para a comunidade escolar. Portanto, apresentamos, neste artigo, a mesma narrativa, produzida em diferentes gêneros, assim como distinta forma de criação e recriação, passando pela oralidade, escrita e dramatização. Com isso, a narrativa permanece no seio da comunidade, sendo sempre criada e renovada.

A narrativa 3 foi fruto de uma pesquisa e recolha do estudante Edgar Monzilar Barreto Medrado, do 9º Ano do Ensino Fundamental, segundo consta na dissertação de mestrado da professora Edna. É uma narrativa que o estudante ouviu e registrou de outra pessoa. Para reproduzir a narrativa na escrita, o estudante, consciente ou inconsciente, lançou mão de recursos da oralidade, como podemos perceber no início do texto: “a história que aqui vou contar, ouvi numa aula de campo. Não me lembro da história por completo, mas o que eu lembro vou aqui narrar” (Monzilar, 2023, pág.62). Neste sentido, podemos compará-la com o início de tantas narrativas orais que conhecemos, onde o narrador registra aquilo que ouviu de outras pessoas. Para dar um tom de veracidade à história ou se dirimir da sua invenção diz: “segundo contam” (Ibidem).



Na narrativa 3, a figura do Pai do Mato também ganha o nome de *Pé de Garrafa*. A diferença desta terceira narrativa para as duas primeiras é que, nesta, o *Pai do Mato ou Pé de Garrafa* representa um ser espiritual e físico benfazejo, protetor da floresta e dos animais, como se observa: “O *Pé de Garrafa*, de acordo com a história, habita nas matas bem altas, defendendo os bichos contra as pessoas e outros predadores” (ibidem).

No texto, o estudante faz uma descrição mais detalhada da aparência física do Pai da mata:

Já ouvi relato que ele é igual um homem, porém, alto, peludo e forte, bem escuro e as mãos semelhante a do macaco. No rosto dele, uma barbicha comprida e falhada de cor negra e tem o nariz que parece azul, ao mesmo tempo escuro. Aquina aldeia já teve gente que até já falou com ele. Essa descrição que faço aqui foi essa pessoa que falou como ele é, quando estava poindo dentro na mata, bem longe aqui da aldeia (IBIDEM).

Percebe-se que, nesta narrativa, o ser espiritual aparece ou grita para as pessoas apenas quando estão fazendo algo de errado, ou seja, destruindo as floretas e os animais.

Nessa senda, Krenak (2020) destaca que

o Bem-Viver pode ser a difícil experiência de manter um equilíbrio entre o que nós podemos obter da vida, da natureza, e o que nós podemos devolver. É um equilíbrio, um balanço muito sensível e não é alguma coisa que a gente acessa por uma decisão pessoal (KRENAK, 2020, p.08-09).

Na obra *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien, publicada na década de 1940, há um capítulo denominado de “O Pé de Garrafa”, situado entre as páginas 75 a 78. A obra, para alguns críticos, é uma novela, para outros é um romance, e há ainda aqueles que a consideram uma novela romanceada. A narrativa tem como protagonista Brasilino, um jovem sonhador, cuja ambientação se passa entre as cidades de Rosário Oeste e Barra do Bugres. A história acontece durante a exploração da poia, em que Brasilino é o chefe de uma comitiva de poaieiros, que sai de Rosário Oeste e acampa nas matas, em Barra do Bugres. Quando a comitiva está no acampamento, descansando em uma noite, as conversas giram em torno das aventuras vividas por cada um deles até que, em determinado momento:

a conversa se encaminhou-se sobre caçadas: caçadas de antas, onças, capivaras, ariranhas, caçadas e aventuras em que, depois das onças, etemo





pesadelo dos poaieiros, o assunto principal era o lendário Pé-de-garrafa (MARIEN, 2008, p.75).

Mais adiante, a personagem Chico Antônio narra aos seus companheiros poaieiros o ataque que sofreu pelo Pé de Garrafa. Interessante notar a semelhança entre este ataque com o ataque sofrido por *Julá Paré*. No sentido de comprovar tais aproximações, segue mais um trecho da obra de Marien:

Então gritei mais uma vez e... ha, pessoal, vocês não queriam saber!... quem estava me respondendo era o Pé de Garrafa!... Quando o enxerguei, ele vinha avançando, abrindo os braços peludos e a guela arreganhada [...] – O bruto parecia um maçarão preto, da minha altura mais feio, feio... Então grudei no saraquí e avancei nele. Eu estava com esta minha garruchinha no cinto. Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, o diacho do bicho agarrou no ferrão do meu saraquí e danou a puxar com tanta força que eu não podia largar a mão direita para arrancar a garrucha [...] – daí... Puxa daqui, puxa dali, eu já estava suando, e o bruto bufava e gania que era uma coisa pavorosa... Eu já não aguentava mais, quando na última força sempre arranque a minha garrucha e sapequei-lhe o fogo dentro da boca!... O danado deu um berro medonho e carpiu no dedão, isto é, no pé, pois que o tal não tem dedão [...] (MARIEN, 2008, p.76-77).

Como se vê, desde há muito tempo, a presença do Pai da Mata, ora físico ora espiritual, faz parte do imaginário popular mato-grossense. Ainda que o romance supracitado tenha sido publicado na década de 1940, ou seja, muito anterior às narrativas do *corpus*, pode ser tomada como comprovação de que os relatos vão se transformando com o passar do tempo e, com isso, podem tornar-se ingrediente para criações literárias futuras.

Com certeza, há narrativas em outras comunidades e regiões do país e do mundo que podem gerar uma pesquisa comparatista, a partir da confrontação de semelhanças e dessemelhanças, rupturas e continuidades, sobre a figura do Pai da Mata. Entretanto, no espaço dessa pesquisa, o propósito foi demonstrar o processo de transformação de uma narrativa oral para um produto literário, que faz parte da história e de cultura do povo indígena *Balatiponé*, na região de Barra do Bugres – Mato Grosso.

Considerações Finais



Desenvolver um trabalho dessa natureza é sempre prazeroso, pois pensar a literatura oral e sua transposição para a escrita, permeando pela metodologia comparatista, requer um passeio pelas abordagens voltadas à literatura e vida social. Essas abordagens, sem dúvida, demonstram outras formas de pensar, pois nos levam a debater as relações do indivíduo com o seu território, a sociedade e a política, assim como a própria existência humana no mundo contemporâneo.

Nesse contexto, torna-se importante destacar que, na atualidade, há mecanismos que possibilitam os registros de diferentes narrativas dos povos indígenas e de outras minorias e, a partir disso, é possível fazer a divulgação em diferentes meios de comunicação, principalmente pela linguagem científica e/ou escrita criativa. Embasados em teorias adequadas, pode-se contribuir na visibilidade de vozes e corpos silenciados, a fim de que sejam conhecidos, percebidos e reconhecidos, enquanto produtores de conhecimentos (e culturas) importantes para as comunidades. Com isso, podem-se combater os preconceitos, as discriminações, os silenciamentos e as exclusões que, tão fortes, estão arraigadas nas sociedades.

Referências

- ALÓS, Anselmo Perez; SCHIMIDT, Rita Terezinha. **Margens da Poética/Poéticas da Margem: o comparatismo planetário como prática de resistência.** Organon, Porto Alegre, nº 47, julho-dezembro, 2009, p.129 – 145.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética** – A teoria do Romance. Tradução vários autores. 5 ed. São Paulo: Editora Hucitec/Annablume, 2002.
- BENJAMIN, Abdala J. **Fluxos culturais assimétricos e Reflexões comunitárias.** In: Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras /Aroldo José Abreu Pinto, Benjamin Abdala Junior, Agnaldo Rodrigues da Silva (Org). São Paulo: Arte e Ciência, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução vários autores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Direito à Literatura.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.



FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. EDUFBA: Salvador, 2008.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso**. Cuiabá: Integrar, Defanti Editora, 2014.

GATTO, Dante. **Tragédia antiga e narrativas contemporâneas: reflexão acerca dos fundamentos a partir da romanesca mato-grossense**. In: *Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras* /Aroldo José Abreu Pinto, Benjamin Abdala Junior, Agnaldo Rodrigues da Silva (Org). São Paulo: Arte e Ciência, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. BeloHorizonte: Mazza Edições, 2013.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. (Org.) Bruno Maia. Rio de Janeiro, 2020.

MARIEN, Alfredo. **Era um poaieiro**. Cuiabá: Academia Mato-Grossense de Letras; Unemat, 2008.

MONZILAR, Edna. **Memórias e histórias: patrimônio material e imaterial do povo Balatiponé-Umutina**. 2023, 84 f. (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT/FAIND.

MONZILAR, Osvaldo Corezomaé. **A história da poaia no Território Indígena Umutina**. 2006, 22 f. (Graduação) – Graduação em Ciências Matemática e da Natureza, 3º Grau Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. Participação especial de Ceíça Almeida. Edição do autor: São Paulo, 2010.

